



JUNQUEIRA, Renata Soares. Poderosas do sertão – do cordel à tela de cinema. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 9-17. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.0917>

PODEROSAS DO SERTÃO – DO CORDEL À TELA DE CINEMA

POWERFUL WOMEN FROM THE BACKLANDS – FROM THE CORDEL TO THE CINEMA SCREEN

Renata Soares Junqueira¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara
CNPq

RESUMO: Ainda que muito parcial e modestamente, esta comunicação pretende resgatar, da sombra dos cabras-macho, algumas das personagens femininas, fortes e valentes protagonistas não só no amor, mas também nas guerras de narrativas dos sertões brasileiros que marcam tanto a nossa literatura de cordel quanto alguns dos mais decantados filmes do moderno cinema nacional. Focaremos especialmente na elaboração do retrato de Maria Bonita na literatura de cordel e no cinema.

Palavras-chave: Maria Bonita; Cordel; cinema.

ABSTRACT: Even if very partially and modestly, this communication aims to rescue from the shadow of the male goats some of the female characters, strong and brave protagonists of love and narrative wars from the Brazilian backlands that mark both our cordel literature and some one of the most celebrated films in modern national cinema. We will focus especially on the elaboration of the portrait of Maria Bonita in cordel literature and cinema.

Keywords: Maria Bonita; cordel; cinema.

¹ Professora Titular (UNESP, agosto de 2018), renata.s.junqueira@unesp.br, líder do Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema, Literatura e outras Artes (GPDC-LoA).

Introdução

A justiça que se deve às mulheres como potenciais transformadoras do mundo em que vivemos foi desde logo intuída por um dos maiores defensores e cultores do Cinema Novo brasileiro. Glauber Rocha, com efeito, assinalou nos seus filmes a importância do papel social e político das mulheres na luta por uma sociedade mais igualitária e pacífica. No seu primeiro filme sertanejo, *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), são as mulheres, Rosa e Dadá (Yoná Magalhães e Sônia dos Humildes), que se empenham em chamar à razão os seus companheiros – Manoel (Geraldo Del Rey) e Corisco (Othon Bastos), respectivamente – quando o fanatismo religioso e a guerra sem perspectiva de sucesso lhes turvam a visão. Apesar disso, quando, no desfecho da narrativa, o casal de protagonistas se põe em disparada pelo sertão para escapar dos tiros do matador de cangaceiros – Antônio das Mortes –, Rosa tropeça, cai e é abandonada por Manoel, que continua sozinho a sua trajetória de fuga, sem olhar para trás.

O cineasta proporia um maior equilíbrio na sua segunda ficção sertaneja, *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, em cujo desfecho o homem e a mulher juntos – Antão (Mário Gusmão) e Dona Santa (Rosa Maria Penna) – vão, montados em seu cavalo branco à maneira de São Jorge, ferir mortalmente o opressor dos pobres, Coronel Horácio (Jofre Soares).² É pena que, como ensaísta, Glauber não se tenha preocupado em reparar o apagamento do trabalho das mulheres, suas contemporâneas, que foram também diretoras de cinema, atrizes, roteiristas etc.

Mas falemos de literatura de cordel, que é o que a ocasião requer – se bem que falar do cinema de Glauber Rocha é também falar dessa literatura popular, potente fonte de inspiração dos seus incontornáveis filmes sertanejos, cujos narradores, adeptos dos versos curtos e da rima fácil que se cantam ao som de viola, são a transposição cinematográfica dos cordelistas.

Ao longo da pesquisa em que me ocupei quando buscava textos para comentar, em agosto de 2023, nas Jornadas Internacionais de Literatura de Cordel e Xilogravura (II) da UFRPE, em Serra Talhada, nenhum cordel encontrei de autoria feminina, senão na mais recente contemporaneidade. É o caso da cearense Jarid Arraes, que em 2021 deu à estampa uma coletânea de 15 cordéis protagonizados por *Heroínas negras brasileiras* como Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela e outras. Nas antologias, em geral, só se encontram autores homens, como na do também cordelista Marco Haurélio, publicada em 2021.

Decidi então lançar o meu olhar para a figura quase lendária de Maria Gomes de Oliveira, chamada Maria de Déa ou, como depois ficou conhecida na história do cangaço e do cordel brasileiros, Maria Bonita. Aproveitei, da tradição do cordel brasileiro dedicado ao cangaço, dois folhetos que recontam a trajetória biográfica da heroína: o *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus Cangaceiros* (1976), de autoria do alagoano

² Outro exemplo de homem e mulher que trilham juntos a mesma estrada, unidos contra a estagnação e o reacionarismo de uma comunidade católica explorada por um comerciante oportunista, está no inaugural longa-metragem de ficção de Joaquim Pedro de Andrade, *O padre e a moça* (1965). Interpretada por Helena Ignez, a protagonista Mariana mostra um riso enigmático, à Mona Lisa, quando a câmera a capta trilhando a estrada de terra ao lado do padre (Paulo José), com ar de quem sabe perfeitamente onde quer chegar.

Rodolfo Coelho Cavalcante, e *Maria Bonita, a mulher cangaço*, do baiano Antônio Teodoro dos Santos (1986).



1. Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante

Desenvolvimento

O primeiro, mais conciso, retrata Maria Bonita em 25 estrofes de 7 versos, das quais cada verso inicial começa com uma das letras da sequência alfabética de A a Z. A primeira estrofe, norteadada pela letra A, lança logo um esboço sintético do retrato que apresenta a heroína como amante de Lampião, primeiramente casada com um sapateiro a quem abandona para acompanhar Virgulino nas suas andanças pelo Nordeste brasileiro. Vai-se então configurando, nas estrofes seguintes, uma figura de mulher polivalente, notável como guerreira, mas também como cozinheira; tão hábil no manuseio do rifle quanto no da panela. A sugestão é a de uma adaptação, moldada pelos estereótipos do feminino, dos retratos dos poetas-soldados do Portugal quinhentista (como Camões), que tinham numa mão a espada e na outra a pena. Maria Bonita, com efeito, levanta numa mão o rifle e na outra a panela. Não leva a pena porque não consta que escrevesse, embora isso não seja improvável se lembrarmos do documentário *Lampião, o rei do cangaço*, realizado nos anos de 1936 e 1937 pelo fotógrafo libanês-brasileiro Benjamin Abrahão Botto. Na película, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, aparece diante de uma folha de papel, com caneta na mão e servindo-se do tinteiro que

Maria lhe oferece. Aliás, chamam atenção, no filme do fotógrafo, diversos recursos materiais e técnicos dos quais os cangaceiros faziam uso, além dos rifles e peixeiras. O rei do cangaço e os seus comparsas ostentam jornais, livros e até uma máquina de costura manuseada por Virgulino. Maria Bonita enfeita-se, sorri e faz *poses* diante da câmera, compondo, ao lado do companheiro, a linha de frente de batalha nos arremedos de luta que o grupo ensaia para que o fotógrafo filme. Em alguns planos, cangaceiros e fotógrafo aparecem comendo e bebendo água de cantil.

O folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante (1976) salienta, a par do espírito bélico, os dotes culinários de Maria Bonita, a sua disposição à maternidade e os folguedos da vida no cangaço:

C

Cosinhava, muitas vezes,
Com o seu rifle na mão.
De manhãzinha o café
Fazia p'ra Lampião
[...]
(p. 1)

F

Fazia doces gostosos
Quando havia aniversário
[...]
(p. 2)

L

Levava ela um bornal
De utensílios de cozinha
E quando a cangaceirada
Descansava após da rinha
Ela e outras companheiras
Faziam grandes fogueiras
Para aprontarem galinha.
(p. 4)

Q

Quando Maria Bonita
Dava luz a uma criancinha
Virgulino lhe tratava
Como se fosse uma rainha.
Passava um mês descansando,
Sua sanfona tocando
Comendo queijo e galinha.
(p. 6)

No seu desfecho, a narrativa faz sucinta menção à traição de um coiteiro, à emboscada em Sergipe, ao assassinato e à degolação dos cangaceiros, sublinhando a prorrogação da truculência contra o grupo de Lampião na aberração que foi a manutenção das cabeças degoladas no Instituto Nina Rodrigues, em Salvador, durante mais de três décadas, para estudos coordenados pelo médico legista lombrosiano Estácio de Lima. A morte de Maria Bonita, nessas circunstâncias, é dignificada pelo cordelista:

U

Um soldado penetrou
Naquela gruta esquisita
E enfrentou peito a peito
Toda aquela comandita.
Só tomou maior dureza
Na bravura e na destreza
Frente à Maria Bonita!
(p. 7)

Já o folheto de Antônio Teodoro dos Santos (1986), reelaborado e ampliado por Manoel D’Almeida Filho,³ recorre a uma introdução laudatória, de aclamação às mulheres que, em “todas as épocas” (p. 3), tiveram o seu “valor histórico / Nas armas e nas ciências / Com muito saber teórico” (idem). Aí aproxima Maria Bonita, a “misse das cangaceiras” (p. 4), de outras mulheres guerreiras como Joana D’Arc e, no Brasil, Anita Garibaldi, Ana Néri e Maria Quitéria, para então, no desenrolar da narrativa, traçar com mais detalhes as linhas precípua da biografia da “mulher cangaço”. Sendo embora mais farto em detalhes biográficos, este folheto não faz referência à degolação nem à exposição terrorista das cabeças degoladas.⁴ Apenas sugere o ódio das tropas volantes, especialmente por Maria Bonita, nos seus dois últimos versos: “Recebeu na sua morte / Os horrores do cangaço” (p. 32).

É neste último folheto que a heroína ganha traços bem vinculados de mulher revolucionária, contestadora dos estereótipos do feminino que o patriarcado impõe às mulheres. Já antes de conhecer Lampião, na decepção com a postura do primeiro marido, sapateiro de profissão, Maria levanta uma voz que lembra muito a de outras que se alevantaram desde a mais longínqua tradição cordelista. Vejam se isto não lembra a Inês Pereira, da farsa de Gil Vicente:

Não casei para viver
E uma casa trancada
Sem nenhuma liberdade
Como uma sentenciada;
Se soubesse que seria,
Então não era Maria
Que queria ser casada.
(p. 14)

É claro que Maria Bonita vai muito mais longe que Inês Pereira. Esta casou-se pela segunda vez com um proprietário rural bonacheirão, Pêro Marques, que lhe fazia todas as vontades. A heroína brasileira atreveu-se mais:

Nesse tempo apareciam
Pelo sertão nordestino

³ A questão da autoria na literatura de cordel parece remeter à época medieval, quando os manuscritos eram copiados, recopiados e, com frequência, alterados pelos copistas.

⁴ Prática herdada dos nossos colonizadores, que debelavam as conjurações com a exposição, nas ruas, de corpos mutilados.

As notícias pavorosas
Do grupo de Virgulino –
Protetor dos oprimidos –
Que comandava os bandidos,
Cada qual mais assassino.
(p. 15)

Nota-se, nos dois folhetos, um empenho dos cordelistas em justificar o cangaço como demanda de justiça social. No de Coelho Cavalcante há, no desfecho, a indignação com a truculência do extermínio:

X

Xingada foi a VOLANTE
Por inúmeros jornais
Em degolar as cabeças
Como fazem os chacais
E ainda mais por cima
Guardar Estácio de Lima
Uns 30 anos ou mais!

Y

Yolanda Alves Prado
Uma jovem do sertão
Protestou desta maneira:
– Não existe explicação
E nem lógica tão pouco
Deste Cientista louco
Ao crâneo de Lampião.
(CAVALCANTE, 1976, p. 8)

No de Teodoro dos Santos, a ligação de Virgulino ao cangaço explica-se como desejo de vingança legitimado pelo de justiça social:

Virgulino era um rapaz
Que andava de feira em feira
Vendendo selas e arreios
Em toda a zona vaqueira,
Com os irmãos trabalhando,
Sempre o sustento arranjando
Para a família Ferreira.

Porém sem entender como
A desgraça aconteceu,
Seu pai foi assassinado,
Sua mãe também sofreu
Do coração atacada,
Com o marido abraçada,
Nos braços dele morreu.

Virgulino e seus irmãos
Quando da feira chegaram,
Em uma poça de sangue
Os pais mortos encontraram;
Sem haver outra esperança,

Em procura da vingança
Logo o cangaço abraçaram.
(SANTOS, 1986, p. 16)

Pelas notícias que tenho
Esse homem é Virgulino
Ferreira, um injustiçado
Pelo inspetor Saturnino
Que lhe assassinou os pais,
Um dos crimes principais
Que torceu o seu destino.
(ibid., p. 18)

Quando Déa, a mãe da heroína, vai a Lampião, a pedido da filha, para lha oferecer como companheira, trata de encarecer os dotes da moça:

Sei que nas suas andanças
O senhor muito precisa
De uma mulher ao seu lado
Que saiba bem onde pisa
E prepare as refeições,
Costure e pregue botões
Em blusão, calça e camisa.
(ibid., p. 23)

É provável que, mais que os dotes de cozinheira e costureira, a beleza e a personalidade forte de Maria tenham encantado o rei do cangaço – a quem, aliás, biógrafos e historiadores têm apontado como exímio costureiro. Não por acaso é ele que aparece, no filme de Benjamin Abrahão, operando a máquina de costura (cf. BOTTO, 1937, restauração de 2007, 3'14'').

Considerações finais

Maria Bonita, como nos mostram a literatura de cordel e o curta-metragem que ora comentamos, era tida por Lampião e pelos demais cangaceiros como uma liderança respeitável, que abriu o cangaço para a entrada de outras mulheres:

Depois que ela entrou no grupo,
Outras mulheres souberam
Da façanha de Maria –
Do mesmo jeito quiseram
Conviver com os bandidos,
Em busca dos seus queridos
Mais cangaceiras vieram.
(SANTOS, 1986, p. 27)

É ela a estrela do filme, embora outras mulheres ali estejam também. A sua posição de centralidade nos vários planos em que aparece, a sua presença constante ao lado do líder, os enquadramentos que a destacam, os persistentes movimentos de *zoom in* fechando o foco da câmera em *close-up* sobre o seu rosto – tudo isso, que podemos conferir no documentário de Benjamin Abrahão, não deixa dúvidas sobre o seu protagonismo no cangaço brasileiro. Deixo, pois, para concluir, uma pergunta: quem teriam sido, na vida real e na ficção, Lampião sem Maria Bonita, Corisco sem Dadá, Manoel sem Rosa etc.?



2. O fotógrafo libanês-brasileiro Benjamin Abrahão Botto apertando a mão de Lampião.⁵

⁵ Fonte: BOTTO, Benjamin Abrahão (dir.). *Lampião (o Rei do Cangaço)*. Brasil, 1937, p&b, 14':14". Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=fBR9wPp5gt8> . Consultado em 06/01/2024.



3. Lampião, Maria Bonita e grupo de cangaceiros.⁶

Referências bibliográficas

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros.**

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Maria Bonita, a mulher cangaço.**

Referências filmográficas

BOTTO, Benjamin Abrahão (dir.). **Lampião (o Rei do Cangaço).** Brasil, 1937, p&b, 14':15".

ROCHA, Glauber (dir.). **Deus e o diabo na terra do sol.** Brasil, 1964, 35mm, p&b, 125'.

ROCHA, Glauber (dir.). **O dragão da maldade contra o santo guerreiro.** Brasil, 1968, 35mm, cor, 95'.

⁶ Fonte: BOTTO, Benjamin Abrahão (dir.). *Lampião (o Rei do Cangaço)*. Brasil, 1937, p&b, 14':14". Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=fBR9wPp5gt8>. Consultado em 06/01/2024.